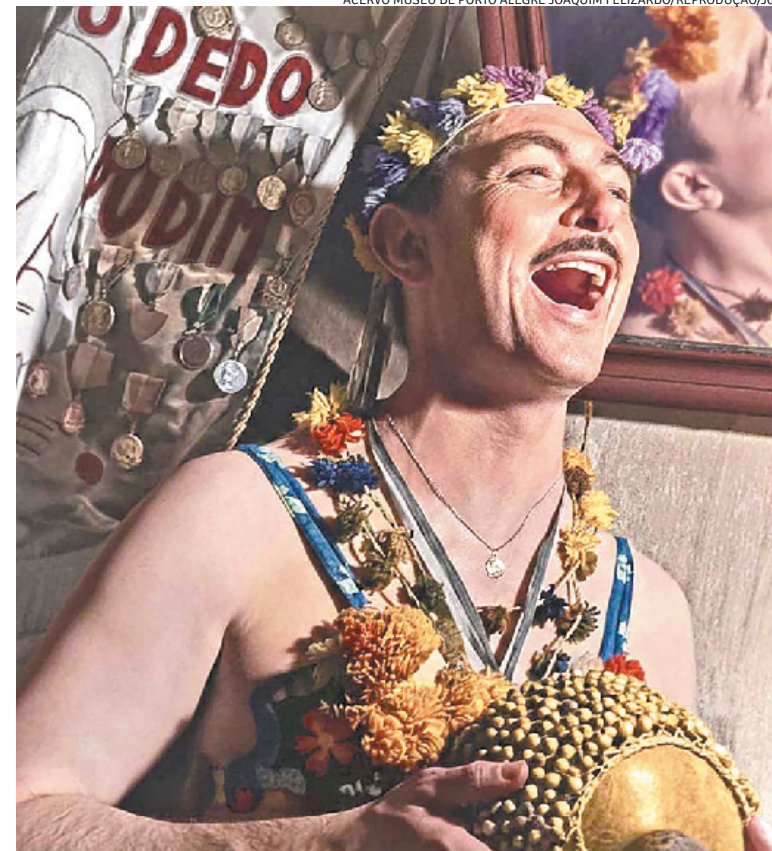


ia e sindicalismo

ACERVO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO/REPRODUÇÃO/JC



Vicente Ráo nos anos 1940, curtindo o Bloco Tira o Dedo do Pudim

Homenagem a Vicente Ráo

Samba-enredo da Escola de Samba Império da Zona Norte (1979)
Compositor: Waldir Soares

Ôôôôô...
Ele foi o rei momo que o povo amou! Ôôôôô...
Abram alas pra estrada que o Império chegou!
Nasceu para o carnaval em 1950
Um grande rei que já morreu,
viveu para o carnaval,
sempre sambando na avenida
Seu nome o povo não esqueceu:
Vicente Ráo!
No seu reinado de folia
As suas lindas fantasias
Faziam o povo delirar
Vicente Ráo, essa é a
nossa homenagem
Com uma pontinha de saudade
Vai o Império recordar
Relembramos na Baronesa,
Marinha em Brutos e Aratimbó,
Tira o Dedo do Pudim
e a Banda do Faxinal...
Seus dias de Papai Noel
E na Charanga do Internacional!

De volta ao Olimpo

Mesmo com a aposentadoria do Banco do Comércio em 1959, o ex-escriturário manteve um ativismo de classe que o levaria a dois episódios marcantes, do ótimo ao péssimo. O primeiro foi uma excursão aos Estados Unidos, em junho de 1964, para conhecer com outros protagonistas a realidade sindical em Nova York e outras cidades, sob patrocínio da Agência Internacional de Desenvolvimento (AID). A parte ruim é que sua atuação como presidente do sindicato da categoria o tornou alvo da ditadura instalada naquele ano e que o tachou de agitador - acusação mais adequada a um rei momo, talvez. Porém, os milicos não estavam para brincadeira: chegou a ficar detido por quase 24 horas e processado com base na Lei de Segurança Nacional.

Acabou absolvido em 1970, até porque o único regime que afrontava era o alimentar. "Não fumava ou bebia, mas era bom de garfo, principalmente com massas, galinha e melancia", entrega o sobrinho Cláudio Rogério Mendes. "Desde que me conheço por gente, ele morava comigo, meu irmão e nossos pais em uma casa estreita e comprida no

número 1.621 da rua Riachuelo, última quadra, passando a Viário José Inácio. Tinha hábitos

ACERVO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO/REPRODUÇÃO/JC



Vicente Rao governou a folia de Porto Alegre durante 22 carnavais

simples, uma grande alegria de viver e ia a fundo em tudo o que fazia, com perfeccionismo. O problema era a saúde, que em determinado momento começou a se complicar por causa da obesidade."

Com 1m72cm e 120 quilos, Ráo mantinha inabalado o status de comandante supremo da folia, inclusive fora de época - foi eleito o mais simpático e bem vestido membro de uma convenção nacional de momos no Litoral paulista em 1963. Nem o pique mais contido, semblante menos arteiro ou tropeços da saúde ofuscaram o carisma após o abre-alas à terceira idade. Em setembro de 1972, sua chegada salvou no bairro IAPI um até então tedioso baile, posteriormente lembrado como a derradeira aparição pública de Sua Majestade, aos 64 anos: quatro dias depois, um quadro agudo de crise renal, hepática e cardiopulmonar exigiu hospitalização. Permaneceu em coma por uma semana, até finalmente despertar no final da madrugada de 23 de setembro. Estava diante de Zeus para receber de volta a chave do Olimpo.

A folia continua...

ACERVO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO/REPRODUÇÃO/JC



Fantasias de Vicente Ráo (como a de bebê, em foto de 1938) marcaram época

O legado de um dos mais queridos tipos já surgidos na cidade não se resume ao nome de uma tranquila rua de apenas 95 metros no bairro Jardim Isabel, na Zona Sul da Capital. Ou ao enredo da Escola da Samba Império da Zona Norte no desfile de 1979. Isso, sem contar a influência exercida sobre seus sucessores - Sílvio 'Miudinho' Martini, Édio 'Queixinho' Onofre, Otávio 'Frotinha' Júnior, Fábio Verçoza, Ubirajara 'Byra' Borba, Luiz Pablo 'Japa' Gawlinski, Jefferson Amorim. Sua memória é preservada e compartilhada por dois museus: Joaquim Felizar do (da Secretaria Municipal da Cultura), no bairro Cidade Baixa, e Ruy Tedesco, no Estádio Beira-Rio.

O primeiro dispõe de acervo superior a 300 fotos digitalizadas, documentos pessoais e itens da indumentária momesca, doados pela família e consultáveis gratuitamente no local. Já o segundo, com visitação paga (exceto por sócios e menores de 5 anos), exibe na exposição permanente sobre a história do Inter um

conjunto de textos e imagens do atleta, torcedor e colaborador - outras duas aparecem no segmento dedicado a itens salvos da inundação pela enchente de 2024. Rao também está na mostra temporária *Carnaval em Retratos - Celebração de Cores e Emoções*, aberta em 16 de fevereiro no mezanino e com foco nas relação histórica entre o Colorado e a festividade.

A atuação como líder de classe é igualmente celebrada. Desde 2023, os programas informativos, institucionais e culturais do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região (Sindbancários) para plataformas digitais são gravados e transmitidos no 'Estúdio Ráo', localizado no edifício-sede da rua General Câmara, Centro Histórico. Um justo reconhecimento ao combativo presidente da entidade, no período de 1956 a 1961, e da Federação dos Empregados dos Estabelecimentos Bancários do Rio Grande do Sul (Feeb-RS), entre 1962 e 1964, envolvimento que o colocou no radar da ditadura.



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.